

IMORTAIS DA ACADEMIA
EPISÓDIO 36 – DA VOCAÇÃO INTELECTUAL

01:00:17:15

ABERTURA

01:00:22:40

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,
Arte e ciência, pensamento e memória,
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

01:01:03:19

VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia

01:01:19:29

Celso Lafer – Atual ocupante da Cadeira 14

O Presidente Fernando Henrique é uma amizade de vida toda, é uma pessoa com quem eu sempre tive uma grande proximidade e minha melhor admiração, são características da personalidade do Fernando Henrique a percepção e a rapidez da inteligência e o permanente esforço de entender aqui que está em mudança.

Fernando Henrique Cardoso

Posse em 2013

01:01:52:11

VIDEOGRAFISMO – Cadeira 36: Da vocação intelectual

01:01:59:00

Celso Lafer – Atual ocupante da Cadeira 14

Exceção feita à tese de doutorado Capitalismo e escravidão, que é uma tese histórica, todos os demais trabalhos dele são aquilo que está acontecendo, o “*enfire*” e a compreensão do “*enfire*” por isso que ele é tão bom analista político e por isso que ele é um raro exemplo de um intelectual bem sucedido da vida pública. Ele sempre conseguiu manter, em relação a ele mesmo, uma certa distância que o conferiu o maior componente de compreensão e de objetividade aquilo que estava em torno do dia a dia dele, e Fernando Henrique é um que escreve bem, e com muita argúcia sobre a política, tendo pensado a política de dentro e não de fora.

01:03:02:07

Carlos Guilherme Mota – Escritor e historiador

Fernando Henrique traz uma alta contribuição para a Academia, ele foi um grande pesquisador, naquele grupo de Florestan Fernandes, de quem ele foi assistente e um assistente brilhante na USP, na

Universidade de São Paulo, Fernando Henrique era chamado de o príncipe da sociologia, que pelas suas atitudes, eu diria de um lado um modo de ser um homem educado, tinha também um traço, uma visão de poder que vem da sua família, toda sua família é de militares, ele é filho de um general, alias de um general de centro esquerda, o pai dele era nacionalista também, e com o tempo ele foi estudar o empresariado, além de estudar escravos, ele estudou o capitalismo, ele tem uma teoria da dependência é um dos poucos intelectuais brasileiros, junto com Celso Furtado, que tem uma teoria mundial sobre a dependência não só do Brasil, mas dos países de passado colonial. Fernando Henrique ele é, vamos dizer assim, que ele amaciou um pouco as suas teorias, no sentido de menos “marxistas”, ele não foi um marxista linear não, o Fernando Henrique, como seu amigo Eric Hobsbawm tem uma visão do marxismo, uma visão respirada do marxismo, já tinha e eu, digamos que ele “se liberalizou”, abriu mais os horizontes também, e elaborou daquela altura com Enzo Faletto, com outras figuras uma teoria da dependência que correu o mundo, sobretudo na África, na França, mesmo nos Estados Unidos, a esquerda acolheu muito a teoria da dependência de Fernando Henrique, do Forestan e do Furtado, acolheu em outros segmentos, mas a esquerda criticou muito a teoria da dependência.

01:04:56:08

OFF

“Faltou na sociedade de castas brasileira o elemento escatológico para justificar a repugnância pelo escravo. Ao contrário, na ética da religião oficial, todos eram iguais perante Deus, e na prática da vida doméstica a vontade do senhor podia exprimir-se na posse da escrava, sem que isso implicasse nojo, mas apenas desqualificação social do produto de uma miscigenação que continha, em si mesma, toda a contradição da representação que o branco mantinha da situação de escravo: alguém que se suplicia e que se ama, sem nunca ser igual.”

Capitalismo e escravidão no Brasil meridional
Fernando Henrique Cardoso

01:05:48:23

Eduardo de Vasconcelos Raposo – Doutor em Ciência Política

Ele concorre ao senado, mas ele entra só como suplente do Franco Montoro, mas só que Franco Montoro é eleito a governador do estado, e aí Fernando Henrique Cardoso entra pro senado federal nessa suplência, depois ele é eleito diretamente, mas é no senado federal que ele é chamado pelo Itamar Franco para ocupar o ministério das relações exteriores, então ele vai pra lá, mas em determinado momento ele é chamado para o ministério da fazenda e como ministro da fazenda ele consegue vitórias importantes, tão importantes que ele é alçado a condição de ser candidato a presidência da republica pelo PSDB.

01:06:39:17

OFF

Logo antes de Fernando Henrique Cardoso, sentou-se na cadeira 36 outro homem de longa trajetória intelectual: João de Scantimburgo. Mas, se o atual ocupante valoriza em sua biografia o peso da democracia, o antecessor destacou-se por defender outro regime, a monarquia.

01:07:05:07

Anna Maria Moog – Doutora em Filosofia

O João de Scantimburgo foi um grande jornalista, um filósofo, um ensaísta, uma pessoa de uma cultura muito vasta. Muito cedo ele foi pro jornalismo, trabalhou um tempo na Gazeta de São Paulo, trabalhou nos Diários Associados e depois ele comprou um jornal dele mesmo e escreveu muitos livros. Ele tinha interesse muito grande pelas coisas do Brasil, e tem um livro em que ele trabalhava muito com problemas brasileiros. Então, esse livro chama-se “Tratado Geral do Brasil”, aborda com uma cultura enorme problemas de sociologia, de educação, de geografia, de economia, de literatura, era uma amplidão de conhecimento esse “Tratado Geral do Brasil” mostra o interesse que ele tinha e como jornalista tinha o conhecimento e participava muito das coisas que eram de interesse do Brasil. Ele fala muito no poder moderador, é preciso que entre os poderes e as instituições haja sempre um poder moderador, que era exercido no tempo do império pelo imperador. Então, ele acha que tem sempre que haver uma estância que possa por em equilíbrio as diferentes forças políticas, digamos. Como jornalista ele fala e ele era convicto, quando ele fala no poder moderador ele tá defendendo, a princípio, a monarquia que era pra ele uma proposta que seria como se fosse um resgate de uma tradição que foi positiva para o Brasil. Ele tinha uma característica que era muito espiritualista, então, a visão dele de todos os problemas visava sempre à perspectiva de uma transcendência. Ele era muito interessante, tem um livro dele que ele analisa “Os Lusíadas” do Camões, a obra do Camões como sendo uma obra que tá impregnada de pensamento de São Tomás de Aquino. Então, ele via e analisa como que o Camões era um homem que tinha um pressuposto de uma filosofia Tomista, a filosofia dele propriamente dita, o que ele queria, vai além, ele queria restaurar a meta física, que tinha sido contestada, digamos, um pensamento moderno depois do Kant, o Kant pôs em questão a possibilidade da metafísica e os católicos em geral tinham aquela busca de restaurar a metafísica e o Scantimburgo com isso ele ficou muito marcado numa visão que é filosófica, mas tinha um linguajar que era muito, quase teológico.

João de Scantimburgo

Posse em 1992

01:10:09:12

OFF

“É o Brasil. É a psicologia do povo brasileiro. Optamos, politicamente, pelos candidatos que nos podem ser úteis de alguma forma. Até mesmo o mais obscuro dos eleitores – o eleitor da imaginária, modorrenta Itaoca de Monteiro Lobato – dá seu voto em termos do que é útil, seja para sua comodidade no dia da eleição, seja para formar um elo com o chefe político ou de cabo eleitoral do município onde vota. Quando pretendemos que o voto seja útil, desejamos que o seja por intermédio das categorias sociais, ao contrário do partidarismo democrático, que o envolve de utilidade imediatista. Daí, a crise na qual bracejamos.”

A crise da República presidencial

João de Scantimburgo

01:11:04:19

Anna Maria Moog – Doutora em Filosofia

Mas, ele se interessava muito por outras questões, por exemplo, a questão da técnica, ele era muito

preocupado com a técnica e a ênfase, o deslumbramento que a sociedade contemporânea tem com o desenvolvimento da técnica e da tecnologia. Aliás, o tema da técnica é um tema que ocupou muito a mente das pessoas da geração do Scantimburgo, a preocupação com o que estava acontecendo e as pessoas se voltavam ao deslumbramento com a técnica e até hoje a gente vê as pessoas todas com aquele celular que não para, é uma escravidão da técnica e o Scantimburgo se recusava a aceitar que o homem se tornava escravo da técnica, pelo contrário, ele achava que a técnica era uma extensão do homem e que era nesse sentido uma maravilha, o homem se estendia, ele expandia a possibilidade de atuação de ação através da técnica.

01:12:10:28 – VINHETA

Estamos apresentando Imortais da Academia

01:12:29:07 – VINHETA

Voltamos apresentar Imortais da Academia

01:12:38:11

OFF

“Uma fascinante máquina de pensar”, é com essas palavras que o acadêmico Eduardo Portella descreve o quarto ocupante da cadeira 36 da ABL. José Guilherme Merquior teve uma vida, apesar de breve, intensamente produtiva, publicou 19 livros em 26 anos, e tratou com propriedade dos mais variados assuntos.

01:13:04:18

João César de Castro Rocha – Doutor em Letras

O Merquior faleceu muito jovem para um intelectual, ele tinha 49 anos, estava literalmente nas vésperas de completar 50 anos, mesmo com esse falecimento precoce ele deixou 19 obras escritas, nesses 19 livros. O primeiro publicado em 1965, o último em 1991, nesse arco temporal o Merquior, literalmente palmilha da estética, da poesia, das artes plásticas, do cinema, da cultura de massas a história das ideias políticas, discursão filosófica da estética, o diapasão do horizonte intelectual do Merquior é propriamente espantoso, diz se que quando o Raymond Aron, o grande filósofo político francês conheceu Merquior, depois de trocar algumas palavras, de um diálogo, perguntou: “Mas, quem é esse menino que leu tudo?”, a dimensão de pensador do Merquior é uma dimensão ainda pouco reconhecida no Brasil, ainda hoje nós pensamos que o Merquior foi, sobretudo um leitor voraz, com uma memória prodigiosa, com uma inteligência incrível, talvez a melhor definição do Merquior seja de um outro acadêmico, alias, de um acadêmico muito próximo ao José Guilherme Merquior, o Eduardo Portella que definiu o Merquior como, literalmente, são palavras do Eduardo Portella: “Uma fascinante máquina de pensar”. O Merquior era capaz de processar dados com uma rapidez, e de produzir amplas sínteses com uma capacidade crítica que, verdadeiramente é única no cenário da segunda metade do século XX.

José Guilherme Merquior

Posse em 1983

01:14:51:21

OFF

“É mais do que esperado que nós, intelectuais humanistas, declaremos e deploremos a extensão e

amplitude da deterioração cultural – pois, se nossa civilização técnico-liberal está indubitavelmente intrinsecamente doente, então quem são seus doutores naturais, enquanto seus diagnosticadores e os autointitulados médicos? Bem, os intelectuais humanistas, sem dúvida. Assim, nosso interesse de vendedores de teoria da crise torna-se penosamente óbvio; e a própria consciência da crise pode muito bem ser, em grande escala, um efeito iatrogênico.”

Ensaio sobre Arte e Literatura

José Guilherme Merquior

01:15:44:03

João César de Castro Rocha – Doutor em Letras

Costumamos pensar no Brasil que a principal tarefa do Merquior foi a de constituir grandes sínteses do pensamento, tanto na estética quanto na política, e parece que isso é injusto, em primeiro lugar porque não leva em consideração que desde os primeiros livros publicados, até o último livro escrito há um tema que atravessa a obra de Merquior e esse tema é abordado de diversos ângulos simultaneamente. O tema é a crise da cultura, mas o que o Merquior entende por crise da cultura, é o surgimento da sociedade moderna que tende com o passar do tempo a transformar o sujeito humano a todos nós, não mais em sujeito das operações, mas num simples objeto, o sujeito humano por ser dono da razão impõe-se ao mundo, mas com o passar do tempo a própria racionalidade transforma o sujeito em um objeto da própria racionalidade.

A modernidade com seu traço urbano industrial permitiu uma série de avanços técnicos, esses avanços técnicos foram possíveis pela mecanização da produção, e hoje todos nós vivemos um dilema do dia a dia que é muito elementar, na última década, nos últimos 15 anos surgiu uma série de novidades sobre tudo na área da tecnologia da comunicação que teoricamente deveria liberar o sujeito humano para tarefas como lazer, formação, leitura, cultura em geral, mas nós todos sabemos que hoje em dia pelo contrário nós somos mais escravizados porque se essas tecnologias da comunicação abrem caminho para que trabalhe em casa, para que trabalhe durante uma viagem, para que trabalhe, na verdade, o tempo todo e não menos. O Paradoxo é que a mecanização que deveria limitar-se a produção, ela dominou todas as esferas do cotidiano e nós vivemos cada vez mais uma sociedade que é muito afluyente, que produz muita riqueza, mas que tem como contra partida, digamos, uma pobreza crescente do que nós chamamos de experiência porque o nosso cotidiano é cada vez mais mecanizado. Então, essa crise da cultura é o tema que domina a obra do Merquior, no final da sua trajetória o Merquior procurava alternativas concretas para pensar o mundo que ao mesmo tempo tomasse partido de todos os avanços técnicos dessa sociedade moderna, urbana e industrial, mas que ao mesmo tempo propusesse uma alternativa para a crise da cultura que em última instância elevava a um apequenamento do sujeito humano diante de toda essa maquinaria.

01:18:39:23

OFF

Assim como José Guilherme Merquior, o atual ocupante da cadeira 36 também se lançou ao desafio de escrever sobre as próprias vivências. Merquior, no campo da filosofia e da cultura. Já Fernando Henrique Cardoso, nos meandros da política.

01:19:03:05

Merval Pereira – Atual ocupante da Cadeira 31

Nos livros que ele está escrevendo sobre o governo dele, os diários dele, você vê claramente a visão dele do país, do mundo, uma visão que tem uma base intelectual, uma base forte do que ele estudou, do que ele viu no mundo. Há anos eu acompanhei ele como presidente, eu era diretor da sucursal de Brasília na época que ele foi candidato e depois presidente, e eu vivia falando com ele que ele devia fazer com as gravações, eu sabia que ele tinha gravações, que ele devia me dar as gravações para eu fazer, ele dizia que só depois que ele morresse que ia ser feito e eu ficava insistindo: “Então, me dá que eu vou preparando e depois eu publico”, aí quando ele anunciou que ia publicar, eu falei: “Pô presidente, mas eu estava insistindo...”, e ele disse: “ Você que me deu a ideia, o Merval tá tão interessado nisso que deve ser bom o negocio, eu vou fazer eu mesmo, não vou dar pra ele coisa nenhuma”. Claro que não foi isso, é brincadeira dele, mas de qualquer maneira é isso ele tem e até a decisão de publicar o diário em vida é uma decisão política, mas de um intelectual, intelectual que quis deixar um testemunho da sua experiência na política.

Fernando Henrique Cardoso

Posse em 2013

01:20:37:24

Carlos Guilherme Mota – Escritor e historiador

Evidente que a formação intelectual do Fernando Henrique ajudou muito no manejo veja um livro que é referencial “A Arte da Política”, um volume considerável sobre o período dele na presidência, que eu saiba é o único bom documento feito por algum presidente da história do Brasil, ele teorizou sobre o que ele fez também enquanto homem de ação, e teoria e prática também pro Fernando sempre estiveram muito ligadas.

01:21:11:28

OFF

“Não posso avaliar objetivamente se de fato houve mudanças e em que medida o país se transformou, nem se as mudanças alcançaram o ponto de não-retorno. Talvez seja esta a sensação agônica a pagar por quem se lança na vida pública: o juízo que conta é o da História, e a ele os personagens não assistem. Quando a grande mestra dos homens sentencia, o veredicto recai nos mortos.”

A arte da política: a história que vivi

Fernando Henrique Cardoso

01:21:55:21

Marcos Vinícios Vilaça – Atual ocupante da Cadeira 26

Fernando Henrique tinha aquela história da escola Florestan Fernandes da USP, e essa USP era muito injusta com Gilberto Freire e eu defendia ortodoxamente Gilberto, as ideias do Gilberto e daí eu fiz um pouco de diferença com ele, mas aí foi passando, hoje eu quero muito bem a ele, tenho uma grande admiração pela obra dele, ainda que ele tenha dito no livro dele que eu fiz um discurso no tribunal, na instalação do tribunal que ele foi, ele disse que eu fiz um discurso muito empolado, bobagem dele, empolado porque ele não sabe escrever, ele não é bom de estilo, ele escreve com substância, mas não escreve bonito, mas sabe fazer uma frase exata.

01:22:45:27

Merval Pereira – Atual ocupante da Cadeira 31

O livro dele “Um presidente casual”, o título é esse, e eu disse a ele: “Mas presidente não devia botar isso não porque parece que você foi presidente por acaso, desvaloriza a sua presença na presidência”, e ele disse: “Mas foi por acaso, não tenha duvida nenhuma que foi por acaso, o fato de eu ser presidente da republica foi um acaso da vida, eu não sou um politico, embora tenha sido senador, eu não sou um politico na acepção da palavra”, e ele tem razão a vida do Fernando Henrique embora ele tenha tido uma vida importante na politica, nunca foi determinante, a politica nunca foi determinante na vida, na maneira de ver o mundo.

01:23:36:14 - VIDEOGRAFISMO

Cadeira 36:

Patrono – Teófilo Dias

Fundador – Afonso Celso

Clementino Fraga

Paulo Carneiro

José Guilherme Merquior

João de Scantimburgo

Atual – Fernando Henrique Cardoso